

## DE UMA PÁGINA DE VELHOS RECORTES

### PLANO DE LUÍS XV PARA CONQUISTAR O BRASIL

Gustavo Ernesto BAUER\*

Começamos apresentando aos prezados leitores o Comandante Jean-Baptiste Charles Henri Hector d'Estaing, Conde d'Estaing. Precisamos retroceder um pouco no tempo para tentar historiar um fato pouco conhecido, cujas pesquisas se devem principalmente a dois abnegados historiadores: Enéas Martins Filho e Gilberto Ferrez, ambos pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto Histórico de Petrópolis.

Século XVIII, pouco antes da Guerra dos Sete Anos. Maria Teresa não se conformara ficar sem a Silésia, agora sob o rei Frederico II, da Prússia, denominado "O Grande". Por isso, depois de uma série de

---

(\*) Embora o "recorte" que utilizamos para este número de nossa revista não seja tão "velho" como os demais que temos divulgado, ele se reveste de um interesse especial pela originalidade do tema - o plano de Luís XV para conquistar o Brasil - com destaque especial para o autor desse plano, o conde d'Estaing, antepassado de Valéry Giscard d'Estaing, presidente da República Francesa na época em que este artigo foi redigido. Seu autor, jornalista e historiador petropolitano, publicou-o no "Jornal de Petrópolis" nos dias 6 de outubro de 1976 e 15 de janeiro, 11 de fevereiro e 28 de maio do ano seguinte (1977). É-nos grato evocar a figura do saudoso jornalista e historiador, com quem freqüentes vezes trocamos idéias juntamente com o também saudoso Lourenço Luís Lacombe, então diretor do Museu Imperial, na época em freqüentemente pesquisávamos na grande instituição petropolitana. Distinguiu-nos o autor com uma honrosa citação desta "Notícia Bibliográfica" e de um modesto artigo que havíamos publicado sobre "Um viajante sueco no Brasil em 1756", o que muito nos sensibilizou. ONM.

intrigas, conseguiu uma série de alianças com a Rússia, nada difícil, pois Frederico II ofendera a filha de Pedro, o Grande, Eisabeth Petrovna, Imperatriz da Rússia. Em seguida, Maria Teresa, com arranjos com a Marquesa de Pompadour, obteve uma aliança franco-austriaca, assinada a 1º de maio de 1756. Estavam pois colocadas as peças principais no tabuleiro de xadrez e começou a “partida”, que duraria “Sete Anos”, de 1756 a 1763.

A história da Guerra dos Sete Anos não poderia ser descrita numa desprezível crônica; por isso vamos resumir os acontecimentos: de um lado estavam a França, a Rússia e a Áustria, contra a Prússia de Frederico II e a Inglaterra. Depois de muitos “xeques” desfechados com perícias e astúcias de ambos os lados, veio, por fim, o “xeque-mate”.

A França e seus aliados acabaram vencidos e, em 15 de fevereiro de 1763, no Pavilhão de Caça de Hubertusburg, na Saxônia, foi assinada a paz após umas rápidas negociações sem mediações de outros países. Maria Teresa a Governanta, na época, do “Império Romano-Germânico da Nação Alemã”, ficou mesmo sem a Silésia. Por outro lado, pelos tratados franco-britânicos, de Paris, de 1763, a França acabou perdendo o Canadá, as Antilhas e outras posições.

Depois da Guerra dos Sete Anos - como sempre aconteceu e sempre acontecerá - houve uma violenta crise na Europa, quando Luís XV deixou seus problemas nas mãos de seu Ministro Duque de Choiseul, o autor do “Pacte de Famille”, o “traité fameux négocié avec le plus profond mystère...”. Assinado em agosto de 1761, entre a França e a Espanha, o tratado considerava como inimigo qualquer inimigo de um dos dois: uma aliança ofensiva entre os principais reinantes de qualquer ramo da casa dos Bourbons.

Em março de 1762 começa a pressão diplomática franco-espanhola sobre Portugal para participar do “Pacto de Família”. A crise aumenta depois do pedido de passaportes pelos representantes da França e da Espanha, junto à corte de Lisboa. A situação tornou-se séria para Portugal, com a invasão de seu território sem ter havido ainda uma declaração de guerra. O Marquês de Pombal chegou a fazer preparativos para transportar para o Brasil a corte de D José, enquanto as tropas espanholas já haviam ocupado várias cidades.

Na capital brasileira, na Bahia, o posto de vice-rei estava vago pela morte do Marquês do Lavradio. No Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade estava empenhado energeticamente na luta contra os espanhóis do Prata, a fim de defender a Nova Colônia do Sacramento, fatos bem conhecidos da História do Brasil.

Com a perda das colônias, a França procurou estudar um meio de substituí-las. Ora, a lembrança de Duguay-Trouin com suas **Memoires**, estava bem viva e a França possuía preciosos mapas das defesas do Rio de Janeiro, do tempo de Duguay e mais tarde, como poder constatado na reprodução de oitenta mapas do precioso livro de Gilberto Ferrez, **O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto, 1555-1800**, Serviço de Documentação da Marinha, 1972.

Interessantíssimo é o mapa nº 43 da coleção: “Plan de l’entrée du port de Rio de Janeiro, dans l’état qu’il se trouvait dans l’année de 1762”. Pelo mapa pode-se julgar a importância dos estudos para assaltar e tomar o Brasil em 1762, sob o comando do conde d’Estaing por ordem do Duque de Choiseul.

Na França, Luís XV e Choiseul estavam preocupados: receavam que os ingleses prosseguissem na sua ofensiva contra o restante do Império Colonial Francês, portanto comentavam: “não temos outro meio para equilibrar a situação e procurar compensações úteis e o que me resta é ‘porter mes vues sur le Brésil et de conquérir cette vaste colonie’ de um príncipe, agora meu inimigo, por sua aliança com o rei da Inglaterra, provocando-me a lhe declarar uma guerra inevitável”.

Depois dessa declaração, foi escolhido o comando das forças navais e terrestres. Comando naval, Louis Joseph de Beaussier de L’Isle, que servira sob as ordens de Duguay-Trouin. Choiseul, para estimular-lhe os brios, escreveu: “Foi no Rio de Janeiro, forçando a capitalização, é que o sr. de Beaussier obteve suas primeiras lições navais. S. M. espera que demonstre a mesma audácia e confiança...”

O comando terrestre ficou nas mãos de Jean Baptiste Charles Henri Hector, conde d’Estaing que, no caso de ser coroada de êxito a operação de conquistar o Brasil, seria o Vice-Rei francês de nosso país. Mas o destino que o Brasil fosse um protetorado ou uma colônia francesa, embora houvesse várias tentativas desde Villegagnon.

Às vezes esse misterioso destino coloca no palco da vida personagens, cujos parentes longínquos, no passado, se destacaram como no caso em estudo. D’Estaing, pertencente à antiga nobreza da França, com direito de ostentar em seu brasão as armas desse país, depois de um D’Estaing ter salvo a vida de Felipe Augusto na batalha de Bouvines. Segundo a história Guilherme, o primeiro conde d’Estaing foi companheiro de Ricardo Coração de Leão na terceira cruzada.

Como dizíamos acima, o destino escolhe com cuidado as suas “vítimas”, seus heróis ou ainda seus “heróis-vítimas”, como no caso do Conde d’Estaing que começou bem cedo sua vida de aventuras, dignas de um romance de ficção... mas verdadeiro. Na classe dos personagens, o destino escolheu d’Estaing para “herói-vítima, pois acabou morrendo guilhotinado na época do Terror, um capítulo triste da história da França.

Antes de ser nomeado para a importante operação destinada a conquistar o Brasil, d’Estaing já era veterano em aventuras: aos quinze anos, combatendo em Fontenoy, foi ferido. Nessa batalha esteve presente o próprio Luís XV, que assistiu a vitória do Marechal de Saxe sobre os ingleses e holandeses. Segundo os historiadores, houve entre os inimigos uma troca de cortesias, que custou aos franceses a perda da primeira linha.

Com 27 anos, d’Estaing, no posto de coronel do regimento Royal Lorraine, seguiu para as Índias a bordo do navio capitânea “Le Zodiaque”, da esquadra do Conde d’Aché. Em 15 de julho de 1757 “Le Zodiaque” arribou no Rio de Janeiro, onde permaneceu durante setenta dias. Para desculpar essa permanência: tratar da tripulação enferma. Mas, como d’Estaing empregou o tempo durante essa prolongada permanência no Rio de Janeiro?

Façamos um resumo dos acontecimentos anteriores ao ousado plano de conquistar o Brasil. Baseado em documentos existentes, dois deles de autoria do próprio d’Estaing. Estes documentos mostram um estudo antecipado das possibilidades de uma invasão a ser bem sucedida, se algum dia viesse a ser um fato, pois d’Estaing realizou esse estudo em 1757, e os preparativos começaram realmente em 1762, resultantes do fracasso do lado francês na Guerra dos Sete anos.

A esquadra de d’Aché era composta de doze navios, mas somente dois tiveram permissão de entrar na Guanabara: “Le Zodiaque” e o “Duc de Bourgogne” enquanto os outros dez foram desviados para a

Ilha Grande. D'Aché seguiu com o "Le Zodiaque" para São Gonçalo, onde desembarcou os seus doentes. Parece que, apesar das determinações rígidas de Portugal sobre a entrada de embarcações em portos brasileiros, é bem compreensível que as autoridades lusas logicamente não permitissem passeios turísticos por parte de tripulantes ou passageiros. No entanto, esse rigor não se aplicou ao Condé d'Estaing, conforme se pode deduzir de suas próprias declarações. Segundo estas, ele pisou em terra firme mais de vinte vezes e provavelmente nessas vinte vezes nem sempre ele voltou ao "Le Zodiaque" no mesmo dia. Ele estudou bem o território da "mui heróica cidade de São Sebastião", inclusive percorrendo o primeiro trecho do caminho para as Minas Gerais que ele acabou achando "trés beau".

Devemos supor que se trata do Caminho de Inhomirim, a histórica variante construída pelo Sargento Mor Bernardo Soares de Proença. Ora, para alcançar esse primeiro trecho é evidente que d'Estaing desembarcou no Porto da Estrela e, para isso, foi necessário fazer uma parte por via marítima e, em seguida, navegar oito quilômetros pelo rio Inhomirim, da foz até o Porto da Estrela.

Seria bem interessante pesquisar se nesse trecho ele chegou até o ponto onde, alguns anos depois, o caminho foi pavimentado com grandes pedras (por isso denominado "Calçada de Pedras"), cujo início é no local onde, anos mais tarde, foi a sede da Fazenda da Mandioca, propriedade do representante do governo da Rússia, Barão Langsdorff, o célebre anfitrião que hospedou personagens proeminentes no princípio do século XIX.

Nas sondagens no centro do Rio de Janeiro, d'Estaing se refere a um ponto em que quatro ruas se encontram, lugar estratégico para desembarque e onde se poderia cortar a água da cidade. Esse ponto, segundo o estudo cuidadoso do já citado Dr. Enéas Martins Filho, situa-se onde é hoje a Praça Floriano.

Assim, com um estudo do local; com as conversações que teve durante a estada no Rio, sondando detalhadamente os pensamentos, as opiniões de trabalhadores, de escravos e da população de modo geral, d'Estaing teve possibilidade de esquematizar um plano duplo: operação tipicamente militar e envolver parte da população para colaborar com os invasores.

De posse desses estudos antecipados, d'Estaing estava em boas condições de discutir o plano com pleno conhecimento de causa. Assim, sua opinião foi inteiramente contrária, iniciar a invasão pela Bahia, na ocasião a Capital do Brasil. Salvador seria uma presa fácil, mas, depois, como se poderia impedir que por mar ou por via terrestre fosse enviado um aviso ao governador do Rio de Janeiro? Logo todos os fortes estariam de prontidão e seriam obstáculos difíceis de vencer.

Mais adiante: ainda mesmo que o Vice-Rei na Bahia assinasse uma rendição total, de nada serviria, de vez que a autoridade do governador do Rio de Janeiro se entendia por uma porção de terra muito maior, com poderes autônomos; portanto, como vencer essa dificuldade com uma força já um tanto fraca, pela primeira operação? Além disso os resultados econômicos pela conquista da Capital seriam bem inferiores, comparando-os com os do Rio de Janeiro. Praticamente a frota do Rio de Janeiro estava avaliada em 45 milhões de libras e a da Bahia em apenas 15 milhões.

Todavia, d'Estaing concordava que a tomada da capital do Reino do Brasil faria uma verdadeira sensação em toda a Europa; entretanto volta a insistir sobre as defesas do Rio, agora mais fortes que no tempo de Mr. Duguay, com a construção de mais duas fortalezas: a da Lage e a da Ilha das Cobras.

A prancha nº 41 do livro de Gilberto Ferrez mostra "um belo trabalho de espionagem francesa no Rio de Janeiro", com a apresentação da topografia da baía; plano da cidade, com suas defesas locais no ano de 1757 e a planta das fortalezas; estas, para maior compreensão, também em corte. Deve-se mesmo admitir que estes mapas foram feitos pelo próprio D'Estaing, pois não lhe faltou tempo, decorrente da permanência do "Zodiague" no Rio de Janeiro durante setenta dias.

Outra, prancha do livro: "O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto", de Gilberto Ferrez, e a de nº 42, em que se vê a baía de Guanabara e a cidade à esquerda, e à direita, os desenhos em minuciosos detalhes de todas as fortalezas.

Com esse preciosos planos e com a prática que os franceses desse tempo possuíam em fazer conquistas, apoiados por poderosas esquadras é evidente que o "estado maior" chefiado por Choiseul, agora, precisava apenas traçar o plano para entrar em ação, depois de um cuidadoso balanço do equipamento bélico e pessoal, para uma operação

bem distante do continente europeu. Não poderia haver falhas: a conquista tinha que ser efetuada com a frota de invasão de 29 unidades, assim distribuídas nove fragatas, dois navios-hospitais, nove transportes, que seriam armados em Nantes.

Vinte navios estavam concentrados em Brest e em La Rochelle, assim relacionados: **Navios de linha:** Royal Louis, Le Sceptre, Le Zodiaque (o que esteve no Rio de Janeiro em 1757), Le Minotaure, Le Sage, Le Protée, Le Palmier, Le Saint Esprit e Le Marechal de Broglie. **Fragatas:** La Thétis, L'Heroine, L'Ambition, Le Gueperd, L'Hirondelle, Le Lion e Le Berger. Mais dois navios-hospitais: Le Salomon e Le Petit Maré.

Essa frota estava armada com um total de 876 bocas de fogo e o efetivo militar para a invasão do Brasil era composto de 334 oficiais e 5481 soldados.

Retrocedendo a 1756: as autoridades portuguesas estavam bem alertadas contra uma nova invasão do Brasil por franceses, seguindo um relato de viagem do sueco Johan Brelin, em um livro do qual o Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo, Suécia, publicou uma parte em tradução de Carlos Pericão de Almeida. (Ver "Notícia Bibliográfica e Histórica", nº 73, de 1976, Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

O Professor Odilon Nogueira de Matos, em "Um viajante sueco no Brasil em 1756", cita o seguinte: "A nossa chegada à cidade (Salvador) fomos separados e levados um por um à presença do vice-rei português para sermos interrogados sobre a nossa viagem e missão, a seguir ao que ficamos detidos sob custódia em diferentes partes da cidade durante oito dias e várias vezes ao dia conduzidos ao Conselho do Vice-Rei para sermos submetidos a novos interrogatórios acerca do motivo da viagem, o qual, pelo seu mesmo caráter, não devia ser dado a conhecer" (Nota do autor: A principal missão do barco francês era seguir para Ascensão e aí esperar os navios franceses vindos das Índias e bem assim avisá-los do estado de guerra entre a França e a Inglaterra. Mas, acerca desta missão nenhuma outra nação devia ter conhecimento).

As autoridades portuguesas na Bahia libertaram, por fim, os viajantes do navio francês sob as condições de não comerciar e deixar a Bahia tão logo que tivesse substituído o mastro. Com tudo isso nós

devíamos nos conformar se não quiséssemos ficar sem o navio e sermos considerados indignos da graça e ordens reais".

Deduz-se desses documentos que os navios esperados e serem avisados eram justamente os da esquadra do Conde d'Ache, cuja capitânea "La Zodiaque" serviu de "residência" a d'Estaing durante os setenta dias em que o navio esteve no Rio de Janeiro. Setenta dias aproveitados inteligentemente pelo Conde d'Estaing para um minucioso estudo e planejamento da operação determinada por Choiseul e que, felizmente, não se realizou por vários motivos como se verá adiante.

Dois documentos, dos 59 cujas cópias ocupam as 146 folhas do Códice, demonstram bem a determinação do governo francês em tomar posse do Brasil. Os dois documentos estão assinados por Luís XV e referendados pelo primeiro ministro Duque do Choiseul: I. "Ordre royal à Mr. Beaussier de L'Isle lui confiant le commandement de l'expédition qui sera envoyée au Brésil pour entreprendre la conquête de ce pays. Versailles, 30 septembre 1762" II. "Lettre de provision do Vice-Roy du Brésil accordées au Comte d'Estaing commandant des troupes de terre dans l'expédition Beaussier de L'Isle. Fontainebleau, 20 octobre 1762".

E assim, se tivesse acontecido, teríamos um vice-rei francês no Brasil, mas o destino não quis que isto acontecesse. Mas, muitos acontecimentos estavam reservados ao século XVIII, que modificaram profundamente a estrutura do mundo ocidental.

Para os estudiosos da História do Brasil o tema referente às tentativas dos franceses para se apossarem da imensa colônia de Portugal é dos mais interessantes. O plano de conquista "Luís XV/ Choiseul/D'Estaing", de 1762, encaminha o pesquisador ao estudo da defesa dos acessos pelo Atlântico. E, então, estará diante de uma documentação cartográfica extraordinária. Já nos referimos a algumas fontes, mas julgamos de interesse citar mais algumas de suma importância para essa parte da historiografia brasileira já no limiar de cinco séculos.

Há um esplêndido trabalho do eminente cartógrafo, pintor e escritor Eduardo Canabrava Barreiros - **Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro, 1565-1965**, trabalho notável e difícil de realizar quando se trata de fazer uma série de levantamentos de cartografia histórica, baseados em velhos documentos e mapas com todas espécies de medidas, fora do sistema métrico.

Mas o autor enfrentou todas essas dificuldades, realizando um precioso trabalho cultural e técnico para as comemorações dos quatrocentos da “Mui Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, que, neste mês de janeiro completa 412 anos.

Nesse atlas histórico, lançamento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e impresso com a colaboração patriótica do Serviço Geográfico do Exército, os interessados encontrarão a reprodução do mapa de autoria do cartógrafo normando, Jacques de Vau Claye, de 1578 ou 79. Este mapa, “Le vrai Pourtraict de Geneure et du Cap de Frie”, com detalhes da importância na estratégia militar, indica até o local “onde poderia ser tomada a cidade”, e, coincidência ou não, foi por aí que a invadiu Duguay Trouin, 133 anos depois, em 1711, redução parcial de uma cópia a bico de pena, de fac-símile do original manuscrito, existente na Biblioteca Nacional de Paris. Assim está, parte da legenda do mapa constante do Atlas citado.

Ainda no mesmo Atlas há outras reproduções, entre estas: “La France Antartique”, “Isle et Fort des François”, mostrando a cena do ataque português ao Forte Coligny. Estamos fazendo referência a esses fatos para frizar que o plano D’Estaing de 1762 tem - pode-se afirmar - várias tentativas anteriores.

Disto tudo conclui-se: o estudo do plano teve uma documentação evolutiva em matéria de levantamento de pontos estratégicos, para se conseguir um final da autoria de D’Estaing que serviria de orientação definitiva para a conquista do Brasil.

Como o assunto trata da documentação cartográfica histórica referente à defesa militar do Brasil, principalmente do acesso mais importante no caso de conquista - o porto e a cidade do Rio de Janeiro - vamos citar outro trabalho sobre o assunto em pauta, de autoria do General Francisco de Paula e Azevedo Pondé, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e nosso confrade no Conselho do Museu de Armas Ferreira da Cunha e no Instituto Histórico de Petrópolis: **A defesa militar do porto e da cidade do Rio de Janeiro em quatro séculos**. Para aguçar o interesse do estudioso, a capa e a contra-capa do livro apresentam o “Plan de la Baye et de la Ville de Rio de Janeiro, située par les 23 degres de latitude sud et 33,1 degres 20 minutes de longitude: prise par l’Escadre commandée par M. Duguay Trouin”.

Eis mais um trabalho de grande utilidade na pesquisa de um tema de história do Brasil que não é muito divulgado e, por isso mesmo, constituindo um particular motivo para quem quiser se aprofundar no assunto, pois o livro do General Pondé contém completas descrições das fortalezas do Rio de Janeiro, com ilustrações reproduzidas de arquivos históricos.

Discorrendo sobre livros de autores que se interessam pela defesa militar do Brasil contra possíveis conquistas estrangeiras até o fim do século XIX dá a impressão de estarmos fugindo do assunto D'Estaing; no entanto, examinando o tema veremos que o mesmo tem como base uma curiosa documentação cartográfica de esquemas, de plantas e mapas da situação geográfica a serviço da estratégia militar de ontem, como o é ainda hoje, agora com o progresso surpreendente da fotografia automática controlada à distância e conduzida até pelos “robots” voadores que obedecem a comandos eletrônicos...

Iniciado, pois, este trecho que forma uma espécie de parêntese da crônica-título, vamos terminá-lo com mais algumas informações, agora conseguidas com o diretor do Museu de Armas Ferreira da Cunha. Perguntamos ao Dr. Sérgio Ferreira da Cunha se no acervo do Museu de Armas existiram peças de artilharia pertencentes à defesa do porto e cidade do Rio de Janeiro. Obtivemos do sr. Diretor do Museu de Armas Ferreira da Cunha os seguintes informes:

“Alguns canhões estavam em depósito na Casa do Trem (Museu Histórico Nacional) assim como outras peças julgadas desnecessárias. Algumas, retiradas de navios, foram transportadas em 1822/1823 para uma linha de fortificações construídas às pressas, ligando as serras da Carioca, Jacarepaguá, até o atual bairro Parada de Lucas, constituindo uma espécie de Linha de Defesa contra um possível ataque vindo da baía de Sepetiba pela tão decantada esquadra, que viria de Portugal para depor D. Pedro I e reconduzir o Brasil ao estado de colônia. Comprovaram estas informações, ter o professor José Wast Rodrigues encontrado uma carronada, peça típica da artilharia naval, abandonada nas matas do Grajaú, por ocasião da abertura da Estrada Grajaú-Jacarepaguá; peça esta removida mais tarde para o Museu da Cidade (Parque Guinle), na década de 40. Dessa citada linha de Defesa provisória foram removidas peças de artilharia dos séculos 18 e 19, já utilizadas em outros pontos para

a defesa da cidade do Rio de Janeiro. Três dessas peças podem ser vistas no Museu de Armas Ferreira da Cunha. Descobertas na década 1950/1960, em lugares diferentes: uma, na Serra junto à elevatória de água Lameirão; a segunda, em Parada de Lucas e a terceira junto aos pântanos que ali existiam antes do saneamento da Baixada Fluminense e a abertura da nova Estrada Rio-Petrópolis”.

Eis, pois, a existência, agora, no Museu de Armas Ferreira da Cunha, localizado no quilômetro 40 da Estrada Washington Luís, Quarteirão Worms - também um nome histórico incorporado à toponímia petropolitana - de peças de artilharia pertencentes aos sistemas de defesa da antiga Capitania do Rio de Janeiro.

Voltando ao plano D’Estaing: Depois de serem discutidas as duas possibilidades de invasão do Brasil - Bahia ou Rio de Janeiro - prevaleceu o plano D’Estaing com o seguinte esquema de operações: 1º) Conquistar o Brasil pela tomada do Rio de Janeiro; 2º) Com a cidade em poder dos franceses, seria destacado um contingente expedicionário para tomar Bahia, “uma operação muito fácil”, segundo afirmava D’Estaing; 3º) Depois de consolidada a situação no Rio de Janeiro, organizar com recursos locais uma espécie de “quinta coluna” que o Conde d’Estaing procurou estabelecer quando esteve no Rio de Janeiro em 1757, para marchar sob e a “Ville des Mines”. Devemos novamente admitir que, se fosse realizada a conquista do Brasil pelos franceses, o destacamento francês, partindo do Rio, passaria pela variante de Bernardo Proença, atravessando a área hoje ocupada pela Imperial Cidade de Petrópolis. Depois, de posse da “Ville des Mines” (Ouro Preto) a evolução do plano seria: conquista do Recife, ocupação da Ilha de Santa Catarina, para desse local, estabelecer comunicações com os espanhóis de Buenos Aires.

Pode-se observar que D’Estaing tinha plena confiança nos resultados de sua “doutrinação” feita em 1757, principalmente entre os escravos que trabalhavam nas minas, “dans des conditions de travail affreuses et avec espoir de la liberté en faire des soldats”. No entanto, esses escravos não incluíam aqueles que trabalhavam nas cidades e nos engenhos. Estes, não eram de confiança, segundo ele.

O seu grande plano consistia - para obter reforços no Brasil - em aproveitar o descontentamento que sabia existir contra o Marquês de Pombal, principalmente entre os amigos dos jesuítas; com estes, ele

pretendia imediatamente “*lier correspondance*”. Continuando na descrição de seu bem elaborado plano, D’Estaing solicita autorização de Choiseul para levar na expedição de conquista do Brasil um determinado padre Bonnacamp, jesuíta que fora professor no Canadá, mas no momento residindo em Paris ou em Tours. Para D’Estaing, o padre Bonnacamp seria precisamente a pessoa indicada para a missão “*pour faire mouvoir les adhérents*”. Diante dessas ponderações a resposta de Choiseul foi uma ordem imediata: “*Chercher le jésuite*”.

D’Estaing pensou em tudo nesse audacioso plano: preocupado que um possível bloqueio inglês poderia dificultar o transporte para a França dos “*trésors et richesses*” obtidos na captura do Rio e da Bahia, sugere então uma elevada operação bancária, talvez sem precedentes para a época: todos os valores seriam mandados para o Cabo da Boa Esperança e entregues à Companhia Holandesa das Índias. Seriam, então, emitidas letras contra a matriz em Amsterdam equivalentes ao valor depositado, letras essas que seriam entregues ao governo francês. Lembra, ainda, que para o transporte desses papéis bastaria uma fragata que, viajando isolada, teria toda a possibilidade de furar o bloqueio. Mas, não deu certo. Choiseul comunica a D’Estaing que a Companhia Francesa das Índias era devedora de sua congênera holandesa, logo “*cette voie ne peut avoir lieu*”.

Entrementes restava para D’Estaing a possibilidade do término da Guerra dos Sete Anos mesmo antes da conquista completa do Brasil; para isso pede - caso aconteça - lhe seja enviado um aviso antecipado e oficial, por um navio bem rápido. Para não perder tempo, o navio deveria partir de La Coruña e não da Mancha. Um aviso indispensável para evitar muitos contra-tempos na ocupação do Rio de Janeiro, exigindo linha de condutas diferentes como consta do documento “*Observations*”.

Todos esses cuidados de D’Estaing, segundo está documentado, eram para não perder nada economicamente. Tudo deveria pertencer ao governo francês. Com o domínio completo e efetivo do Brasil, é claro, negociantes e proprietários brasileiros esconderiam uma boa parte de suas riquezas. Mas, estabelecida a posse definitiva do Brasil, haveria uma política de benevolência, e o ouro escondido iria aparecer, e através da compra de mercadorias, seria canalizado para a França. Ora, a paz sem a conquista completa do país impediria a aplicação dessa política.

D'Estaing termina suas "observations" dizendo que, se ele não tiver dificuldades "par les formalités inexplicables de la Marine Royale, le peux promettre que j'ettonerai les Portugais plus aisement que je n'ai fait les Anglais". Deixa entender ainda que conhece bem o povo e a opinião sobre os franceses, pois já tivera oportunidade de muitos contatos durante aqueles dois meses no Brasil, em 1757.

As ponderações de D'Estaing foram atendidas e Beaussier de l'Isle teve instruções autorizando modificações no plano, e que, em alto mar, reunisse seus comandados para receberem ordens finais, e nesse Conselho de Guerra D'Estaing tivesse voto preponderante.

No dia 15 de maio deste ano (1977) serão passados duzentos e vinte anos de um episódio não muito conhecido da história do Brasil: chega ao Rio de Janeiro o navio capitânea "Le Zodiaque", da esquadra do Conde de Aché, tendo como passageiro Jean-Baptiste Charles Henri Hector D'Estaing, Conde d'Estaing.

Como foi descrito, D'Estaing, com conhecimentos locais, elaborara um plano para conquistar o Brasil, com o fim de equilibrar as perdas que o governo francês tivera com a derrota da aliança franco-austriaca na Guerra dos Sete Anos. Choiseul, com seu "pacto de família", desenvolveu um esquema militar para ressarcir a França pela perda do Canadá, das Antilhas e de outras colônias.

Depois da série de ocorrências já descritas, D'Estaing foi incumbido, segundo documento assinado por Luís XV, de comandar as tropas de conquista do Brasil. É interessante este trecho de um dos principais documentos, dos 59 que constituem as 146 folhas do Códice: "Lettres de provision de Vice-Roi du Brésil, acordées au Comte D'Estaing, commandant des troupes de terre dans l'Expédition Beaussier de l'Isle".

Resumindo: depois de muitas discussões, em que um dos planos não foi aceito por D'Estaing, que seria a invasão da Bahia, prevaleceu o plano da conquista começando pelo Rio de Janeiro e, depois, por etapas, seriam conquistados por diversos contingentes a Bahia e a "Ville des Mines". Pelo plano pode-se perceber a importância econômica que D'Estaing dava aos principais pontos em evidência no Brasil no século XVIII. Além disso, consolidadas essas três posições, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, o resto, segundo D'Estaing, não seria problema, devido aos recursos que seriam fornecidos pelas três Capitánias.

Terminemos. Tudo estava pronto para a partida da esquadra francesa; Beaussier de l'Isle recebeu ordem para preparar a partida de Brest, em 25 de outubro de 1762. No entanto, em 3 de novembro era assinado em Fontaine-bleau, o documento preliminar da paz pondo fim à Guerra dos Sete Anos. Com isto, foi sustada a partida da expedição e, logo a seguir, a 10 de dezembro, uma ordem régia mandava desarmar a esquadra e reduzia a 1/3 a tripulação dos navios, o efetivo normal de tempo de paz.

Assim, o plano tão bem engendrado por D'Estaing ficou, como muitos outros planos grandiosos, em estado de projeto e, entregue ao arquivo onde dormiria em paz até ser "puchado" das prateleiras pelos historiadores.

Em homenagem ao meu inesquecível amigo e colega do Colégio São Vicente de Paulo, no tempo do Palácio Imperial, Dr. Enéas Martins Filho, transcrevo o final do trabalho sobre o assunto publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 272, julho/setembro de 1966:

"Teria ele tido possibilidade de sucesso? Lembrarei, apenas, que a viagem estava calculada para durar dois meses e que, se a esquadra deixasse Brest na data prevista, estaria em águas da Guanabara na primeira quinzena de janeiro de 1763. Viria encontrar o Rio abalado pelos desastres da guerra do sul e enlutado pela morte de Gomes Freire de Andrade, ocorrida a 1º de janeiro. Privada de seu grande chefe, desguarnecida de suas melhores tropas, com o governo em mãos de uma junta provisória, teria a cidade ânimo e forças para resistir? São perguntas que é lícito fazer, mas às quais, felizmente, não é preciso responder".

Mas, e o fim de D'Estaing? É fácil imaginar que uma personalidade como D'Estaing não poderia ficar parado, tranqüilo, vivendo normalmente como qualquer pessoa. Não. Isto não estava no seu modo de viver. Ele precisava de aventuras, de episódios épicos, como seus ancestrais. Por isso mesmo, fracassada a conquista do Brasil, em que estava vivamente interessado, principalmente para fazer uma espécie de provocação aos ingleses, pois já fora prisioneiro deles. Logo depois do arquivamento do projeto da conquista do Brasil, foi designado para o comando da frota francesa armada, devido aos acontecimentos na América do Norte.

Os ingleses eram a preocupação de D'Estaing e, a cada momento, esperava ele um ataque à Ilha de Martinica, onde estava

instalado com 25 navios e um efetivo de 1500 homens. Não demorou muito e eis os ingleses atacando a Ilha. Seria prolongar muito descrever toda a operação Martinica, que foi o segundo grande feito de D'Estaing. No entanto, é preciso não esquecer que D'Estaing, em 1778, conduzindo sua frota aos Estados Unidos, tornou-se o pioneiro no auxílio à consolidação da independência americana. Ainda em maio de 1976, quando Valery Giscard D'Estaing, então presidente da França, esteve nos Estados Unidos, foi lembrada a participação francesa na independência americana, tendo como figura principal, nesse movimento e nessa época, o Vice-Almirante Jean Baptiste Charles Henry Hector D'Estaing, antepassado do presidente francês.

Mas estava escrito que esse homem, cuja vida esteve sempre em perigo, desde a idade de quinze anos, quando, combatendo em Fontenoy, foi ferido, teria um fim trágico. Logo após a tomada da Bastilha, avulta novamente o seu nome: em 28 de julho de 1789 os cidadãos de Versalhes resolveram formar uma Guarda Nacional nomeando-o comandante. Como se sabe, a Revolução Francesa, embora tenha trazido uma profunda reforma social de efeitos benéficos, foi marcada com passagens que exigia vítimas entre os próprios chefes revolucionários, e disto D'Estaing não escapou. Intimado como testemunha no Tribunal Revolucionário, depois de ter adotado a Revolução, foi acusado pelo terrível tribunal e guilhotinado em 28 de abril de 1794.